

Maria José Ferreira dos Santos \*  
 Pedro Brochado de Almeida \*\*  
 Sandra Raquel Rodrigues \*\*\*

## Dos sepulcros e lagares de Rabaçal (Meda)

Tendo outrora pertencido à comarca de Marialva, a freguesia de S. Paulo de Rabaçal integrou o concelho de Vila Nova de Foz Côa de 1855 a 1872, altura em que passou a integrar as dezasseis freguesias que constituem o actual concelho da Meda<sup>1</sup>. Confrontando com Marialva a Norte, Carvalhal a Este e Coriscada a Poente, Rabaçal, terra de rabaças<sup>2</sup>, encontra-se na margem esquerda do ribeiro Massueime, afluente do rio Côa, e a sua ocupação data de tempos idos.

Apesar de não possuímos ainda dados concretos relativamente às ocupações e núcleos de *habitat* pré-romanos, não é de todo descabido concluir que por ali andaram povos indígenas vizinhos, nomeadamente os *Aravii* e os *Medubriguensis*<sup>3</sup>. Encontrando-se Rabaçal tão próximo de castros como o de Pai Penela<sup>4</sup> ou dos Castelos<sup>5</sup>, não é de estranhar que, se na freguesia não existir qualquer núcleo habitacional, aquele espaço e os seus recursos terão no mínimo sido explorados pelas populações castrejas locais.

Já na Era Romana, passava por Rabaçal a via de ligação entre Mérida e Astorga, continuando a ser utilizada durante o período da Reconquista e épocas subsequentes, sendo já no séc. XIX decalcada pela Estrada Real, que ligava a Guarda ao Pocinho<sup>6</sup>. O troço de Marialva e Rabaçal terá mesmo sido construído,

\* Arqueóloga. Membro da equipa de História Antiga do GEHVID.

\*\* Arqueólogo. Colaborador da equipa de História Antiga do GEHVID.

\*\*\* Arqueóloga. Membro da equipa de História Antiga do GEHVID.

<sup>1</sup> Cf. LEAL (1878), p. 39; e COSTA (1948), p. 5 a 6.

<sup>2</sup> Rabaça é uma planta herbácea, da família das Umbelíferas, que cresce em águas estagnadas, e cuja raiz é tóxica, sendo empregue como o trovisco para matar o peixe em rios e ribeiras.

<sup>3</sup> In ALARCÃO (1987), p. 19 a 170.

<sup>4</sup> Cf. SANTOS e RODRIGUES (1998), p. 242 e 243.

<sup>5</sup> Agradecemos a informação ao Prof. Doutor C. A. Brochado de Almeida.

<sup>6</sup> Cf. RODRIGUES (1983), p. 144 e 145; ALARCÃO (1987), p. 105 e 106; ANTUNES e FARIA (1997), p. 12.

sob o domínio de Trajano, com a contribuição dos habitantes das *Civitates Aravorum* e *Meidubriga*<sup>7</sup> (apesar das *vias* da Beira Interior não virem referidas no Itinerário de Antonino). Embora não tenhamos ainda concretamente localizadas as estruturas dos focos de povoamento da freguesia de Rabaçal, não nos custa admitir que ali se localizassem algumas *villae* romanas, posteriormente transformadas em herdades medievais, dada a sua situação fito-climática de terras baixas e encostas solheiras protegidas da serra, e que permitem uma exploração agrícola rentável. Há ainda a registar o aparecimento de *tégula* na Quinta de Perais, bem como em S. Sebastião, onde também temos fragmentos de *dolia*, *tegulae* e um fuste de coluna que se encontra junto de um muro onde abunda igualmente pedra aparelhada, que comprovam o povoamento daquelas áreas.

Uma vez mais, a única prova que possuímos da continuidade do povoamento daquela zona não se relaciona com o espaço das estruturas de *habitat*, mas sim com o espaço funerário, materializado nas sepulturas cavadas na rocha que tivemos oportunidade de inventariar nos Núcleos I e II de S. Sebastião, atestando-se desta forma a ocupação medievla da freguesia.

A pequena povoação de Rabaçal, concentrada e arruada, mostra um património histórico e arquitectónico essencialmente barroco, patente no portal setecentista da Igreja Matriz, no chafariz e no belo solar do Morgado de Rabaçal, com capela incorporada. A 20 de Janeiro faz-se a Romaria à Nossa Senhora de Belém, embora o principal culto seja o de Nossa Senhora do Torrão<sup>8</sup>. Em termos económicos, genericamente, ao pastoreio sucedeu como actividade principal o cultivo da vinha e do pomar. Podemos encontrar ainda olivais, pinhais e alguns campos de centeio, cercados por encostas cobertas de giestas. É patente, porém, um certo abandono dos terrenos agrícolas, a que se devem juntar os «mortórios», isto é, as vinhas mortas com a filoxera, denotando o decréscimo da importância do sector primário, resultado do despovoamento e êxodos constantes de que sofre o interior do país.

Exemplo disso mesmo é a Quinta de Perais (ou Prais)<sup>9</sup>, situada na encosta nascente do monte da Chilreta, onde os terrenos de vinhas e cereais alternam com as giestas, os carrascos e pinheiros bravios. No entanto, a presente realidade está um pouco desfasada do que foi outrora, em que a produção vinícola assumia um papel bem mais relevante. A comprová-lo temos, num espaço relativamente reduzido, quatro lagares cavados na rocha, cuja utilização pode ir desde a época romana até aos tempos modernos.

<sup>7</sup> Cf. ALARCÃO (1987), p. 105 e 106.

<sup>8</sup> Cf. PEREIRA e SOUSA (1988), p. 186.

<sup>9</sup> Esta quinta parece ser bastante antiga, uma vez que já é citada por Américo Costa no seu *Diccionario Chorographico (...)* de 1948, p. 6.

Prospectando um dos pequenos pinhais que ponteiam aqui e ali a propriedade em questão, deparámo-nos com um penedo que se destaca na paisagem pela cota a que se encontra e pela sua forma ovalada. No topo deste foram cavados dois lagares (L1 e L2) que facilmente passariam despercebidos, não fossem as bicas salientes despertar a nossa atenção, bem como os entalhes sub-circulares que ladeiam o batólito, certamente utilizados para aceder à parte superior do mesmo.

Embora situados no mesmo penedo, os lagares número 1 e 2 tiveram tempos de talhe e utilização distintos, tendo sido o *calcatorium* do primeiro reaproveitado como base de talhe de uma das *stipites* do segundo (fig. 1). De estrutura simples e forma sub-circular, o *calcatorium* do lagar 1 apresenta dimensões bastante reduzidas, sobretudo quando comparado com o lagar 2. As paredes que o delimitam são muito baixas, sendo interrompidas por um rasgo nítido que constitui a bica ou canal de escoamento. A recolha do mosto seria feita directamente para um recipiente, uma vez que nenhum dos dois lagares possui *lacus*. A ausência de *stipites* associadas a este lagar revela a inexistência do *torcularium*<sup>10</sup>, que por sua vez indicia uma só produção – a do vinho, sendo o bagaço provavelmente espremido noutra local. Enigmático é o canal que liga ambos os *calcatoria*, questionando-se assim a funcionalidade do L1. A única explicação que encontrámos põe em causa o que acabámos de afirmar, isto é, a ausência de *lacus* no L1 e a recolha directa do mosto para um recipiente, encostando-o à parede exterior do batólito. Podemos, então, pôr em hipótese a existência de um *lacus* associado ao *calcatorium* do L1, posteriormente alargado e aproveitado para *calcatorium* do L2, assim parecendo indicar o canal que liga o L1 ao L2. Neste caso, a bica que foi apontada como canal de escoamento do mosto não passará de um meio utilizado para escoamento da água acumulada no *calcatorium* do L1 para o exterior, evitando a passagem da mesma para o *calcatorium* do L2, dada como certa pela inclinação do canal que os liga.

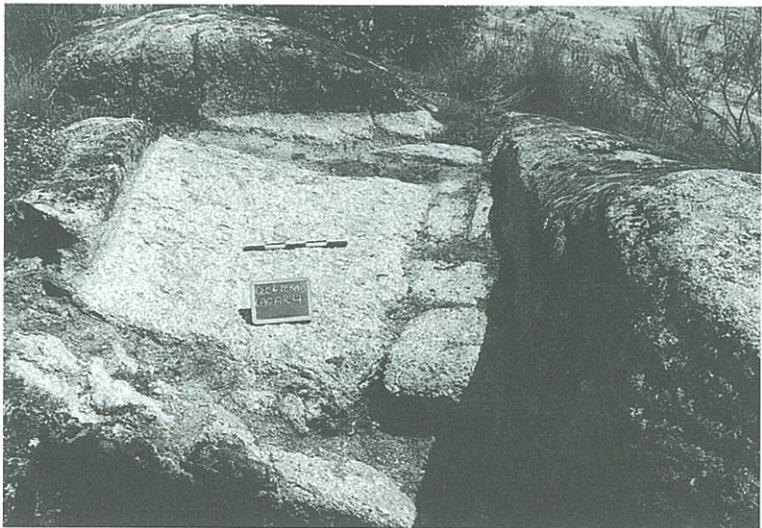
O segundo lagar, de maiores dimensões, terá funcionado após a desactivação do primeiro, deduzindo-se um aumento da produção e uma consequente necessidade de ampliação da estrutura. O *calcatorium* apresenta uma forma sub-quadrangular e a profundidade das suas paredes reflecte uma maior capacidade de armazenamento de uvas para pisar. Este aumento de produção e o fabrico de bagaço complexificou a estrutura do lagar, necessitando agora do auxílio de uma prensa, cuja presença é atestada pelas *stipites*, onde encaixavam as *arbores* para apoio do *prelum*. O canal de escoamento é muito similar ao do lagar contíguo, embora este apresente um entalhe para encaixe de uma bica em madeira. As quatro cavidades que são visíveis junto à parede oeste parecem indicar que aí se fixaria uma qualquer estrutura precária e amovível de cobertura do L1<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Cf. ALMEIDA, ANTUNES e FARIA (1999), p. 98.

<sup>11</sup> Cf. *Ibidem*, p.102.

Num afloramento granítico a cerca de 10 m para nascente dos L1 e L2 fica situado o lagar 3 (fig. 2). A acção das raízes foi provocando a sua deterioração, tornando-se difícil a definição precisa dos seus limites. A configuração do *calcatorium* é sub-rectangular e as suas paredes são extremamente baixas, ladeando-o duas *stipites* rectangulares, bem talhadas e profundas. O *lacus* é sub-quadrangular, e apresenta uma grande profundidade, revelando desta forma a ampla capacidade de armazenamento que possuía, calculando-se em cerca de 2100 litros.

O último lagar inventariado na Quinta de Perais encontra-se a nascente dos anteriores, no meio de um campo de centeio, destacando-se na paisagem por se encontrar numa fraga envolvida por um emaranhado de silvas e giestas (fig. 3). O *calcatorium* do L4 apresenta uma forma rectangular, de paredes pouco profundas, ladeando-o apenas uma *stipite*, tendo a segunda desaparecido. O *lacus*, também rectangular, fica a uma cota inferior à do *calcatorium*, sendo consideravelmente profundo. Encontra-se, porém, bastante destruído, faltando-lhe mesmo uma das paredes. A particularidade deste lagar reside no facto de outrora se encontrar no interior de um edifício, do qual restam apenas parte de duas das paredes em pedra seca. Presumimos que numa das paredes desaparecidas encaixasse o *prelum*, como de resto é comum em lagares situados no interior de edifícios. A total ausência de telha na área envolvente parece indicar que a construção seria coberta com giestas ou palha.



Lagar 4  
da Quinta de Perais.

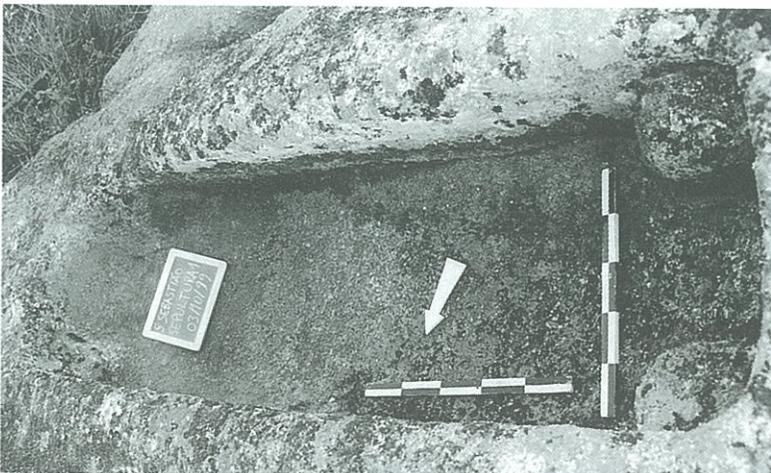
A Noroeste da sede de freguesia fica o lugar de Termo Santo, cercado por montes inóspitos, onde domina o fragedo granítico. Aqui encontram-se algumas

propriedades muradas com plantação de vinha, oliveiras e árvores de fruto, e campos lavrados que circundam o largo da capela de S. Sebastião, com a respectiva casa da confraria, em cujo *terminus* poente foi colocado um cruzeiro. O culto a S. Sebastião iniciou-se no séc. VII, após a grande peste que assolou a Península Itálica em 680, e desde então passou a ser invocado como protector contra a peste, a fome e a guerra<sup>12</sup>. Insere-se, assim, esta evocação no contexto alti-medieval das invasões, tendo-se mantido a instabilidade com as presúrias e o movimento da Reconquista.

Na encosta sobranceira ao caminho que dá acesso à capela encontram-se alguns casebres em ruína e um forno de secar figos, sustento destas populações até data bem recente. Porém, a ocupação humana deste lugar remonta a tempos mais longínquos, como comprovam os fragmentos de *tegulae*, *imbrices*, *dolia* e cerâmicas tardo-romanas, além de um fragmento de fuste de coluna, em granito muito desgastado, que se encontra no muro de entrada de uma das propriedades.

Circundando o espaço envolvente da capela inventariámos três lagares e seis sepulturas cavadas na rocha, constituindo este conjunto o Núcleo I de S. Sebastião. Atesta-se, assim, a ocupação deste local durante o período alti-medieval e épocas subsequentes, apesar de hoje ser apenas um ermo.

A cerca de 30m a Sudoeste da capela, logo abaixo da Casa da Confraria, foi-nos possível detectar a primeira das sepulturas do Núcleo I (S1), cavada no topo de um batólito isolado cercado por um campo de vinha e oliveiras (fig. 7). Apre-



Sepultura 1 de S. Sebastião (Núcleo I). Sepultura antropomórfica com duas ocupações.

<sup>12</sup> Cf. CIPOLINI (1985), p. 89 e 90; TAVARES (1990), p. 130.

sentando um acentuado declive para Nordeste é parcialmente circundada por um rebordo, possuindo a Sul um canal de escoamento de águas pluviais muito erodido. O leito sofreu dois talhes antropomórficos, em momentos distintos; o primeiro e mais antigo está associado à cabeceira de arco ultrapassado, com contornos pouco vincados e ombros assimétricos. O seu arcaísmo acentua-se quando analisamos a orientação do sepulcro, que não segue a norma canónica, levando-nos a estabelecer uma cronologia que ronda o séc. IX<sup>13</sup>. O reaproveitamento desta sepultura consistiu no talhe de uma cabeceira rectangular nos pés da anterior, ficando assim, *grosso modo*, com a orientação cristã.

Muito próximo da S1, cavado numa massa granítica íngreme e bastante desgastada, foi detectado o lagar 1 (L1), a cerca de 50 m a Sul da capela de S. Sebastião, por entre pinheiros e giestas de um terreno a monte sobranceiro aos vinhedos (fig. 4). De formato sub-rectangular, e em péssimo estado de conservação, o *calcatorium* revela parte das suas paredes laterais fracturadas, encontrando-se o *lacus* em pior condição e não restando nenhum vestígio das *stipites*. O canal de escoamento, em rego descoberto, possui um entalhe para o encaixe de uma bica em madeira, permitindo a passagem do líquido para o *lacus*. Deste último, de planta rectangular, apenas resta uma parte, na face sul do lagar, e no seu interior é visível uma cavidade arredondada cuja função consiste na colocação de um recipiente para recolha de mosto.

Seguindo pelo caminho que parte do cruzeiro para Sul, depara-se-nos do lado esquerdo um fragmento de fuste de coluna à entrada de uma propriedade murada. No seu interior destacam-se na vinha mal cuidada dois lagares gemina-



Lagares geminados  
(2 e 3) de S. Sebastião  
(Núcleo I).

<sup>13</sup> Cf. BARROCA (1987).

dos, cavados num só afloramento (L2 e L3). Os *calcatoria* apresentam-se rectangulares, partilhando a parede central que, como as restantes, está consideravelmente destruída. A uma cota inferior encontram-se os *laci*, cuja forma sub-circular foi igualmente talhada no mesmo bloco granítico. A passagem do mosto dos *calcatoria* para os *laci* faz-se por dois orifícios circulares talhados na parede que os divide, salientando-se no L1 um arranque de bica em pedra (fig. 5).

Continuando pelo caminho em direcção a Sul, detectámos, do lado esquerdo, no interior de outra propriedade murada, quatro sepulturas agrupadas cavadas na rocha. Não fosse a diversidade tipológica entre elas, poder-se-ia admitir estarmos perante um núcleo familiar, uma vez que as S3, S4 e S5 se encontram na mesma fraga e a S2 no afloramento contíguo. Se considerarmos as diversas tipologias neste grupo, poderemos associar a S2 à S3, bem como a S4 à S5, sendo as primeiras as mais arcaicas, onde o antropomorfismo não assinala presença, embora todas elas estejam orientadas canonicamente.

A S2, de configuração ovalada e assimétrica, possui um rebordo envolvente de linhas suaves e muito desgastado (fig. 8). Não sendo antropomórfica, a distinção entre a cabeceira e os pés só é possível tendo em consideração que a largura do extremo poente é maior que a do topo oposto. Já a S3 (fig. 9) apresenta um leito oval simétrico, com um plano superior sub-rectangular na cabeceira e ovalado nos pés, o que lhe confere um estádio formal mais evoluído que o da S2. Ambas se inserem num âmbito cronológico arcaizante que Alberto de Castilho inclui entre o século VII e VIII, e Mário Barroca delimita entre o século VIII e o X<sup>14</sup>.

Dividida da S3 por uma pequena parede com cerca de 30cm, a sepultura 4 de S. Sebastião é claramente antropomórfica, apresentando um plano rectangular e cabeceira bem definida. Sem almofada, a delimitação da cabeça e dos ombros é feita através de um contorno sub-rectangular, sem linhas muito vincadas mas evidentemente perceptíveis. A S4 possui ainda dois canais de escoamento paralelos, ambos seguindo o declive do penedo para Sul. No enfiamento desta última para Nascente está a S5, orientada da mesma forma que as restantes, já analisadas (fig. 9). É detentora de uma cabeceira antropomórfica de linhas angulosas bem vincadas, que fazem a definição dos ombros e da cabeça através de um contorno rectangular mais alongado que a cabeceira da S4. O contorno superior da S5 é ovalado, não tendo sido talhado qualquer rebordo em seu redor. Tal como a S4 possui um canal de escoamento que aproveita o declive do afloramento para Nascente, sendo ambas coevas dos sécs. X/XI<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> Cf. *ibidem*.

<sup>15</sup> Cf. *ibidem*.



Sepulturas 3 e 4  
de S. Sebastião  
(Núcleo I).

Uma centena de metros para Sudeste, com difícil acesso por entre giestais, encontrámos a última sepultura do Núcleo I de S. Sebastião, isolada num pequeno montículo fronteiro ao das S2, S3, S4, e S5, e de onde é visível um forno de secagem figos, na parte Sul do outro morro, construído com paredes de tijolo *burro* e com a porta em ferro voltada a Sul, o que de resto seria de esperar como salvaguarda às nortadas. Na S6 o antropomorfismo marca mais uma vez a sua presença na cabeceira sub-trapezoidal assimétrica, com um arco peraltado também assimétrico, sendo mais larga na parte dos ombros relativamente à dos pés (fig. 10). A sepultura é parcialmente ladeada por um rebordo, e está orientada segundo a norma canónica de enterramento, podendo ser atribuída aos séculos X/XI, aproximando-se tipológica e cronologicamente às S1, S4 e S5.



Forno de figos.  
S. Sebastião (Núcleo I).

O conjunto das sepulturas rupestres do Núcleo I de S. Sebastião, cronologicamente atribuíveis ao movimento presuriador e à Reconquista, parece estar de alguma forma ligado à evocação de S. Sebastião. A actual capela, de fachada à século XVIII, mas certamente remodelada em Oitocentos, pode ser bem mais antiga, podendo mesmo ter tido uma origem medieval, polarizando-se assim em seu torno o espaço funerário<sup>16</sup>. O facto das S2, S3, S4 e S5 se encontrarem agrupadas no mesmo fraguado, quase constituindo uma pequena necrópole, e apesar de terem dissonâncias cronológicas entre si, parece indicar a existência de um nexo familiar<sup>17</sup>, relacionado talvez com a manutenção, no seio da mesma linhagem, da posse da propriedade onde se encontram polarizadas<sup>18</sup>.

Seguindo sempre pelo caminho que parte do adro da Capela de S. Sebastião para Sul, ao longo de campos de centeio, vinhas e oliveais, logo este vira à esquerda e nos obriga a atravessar um ribeiro, no muro sobranceiro ao qual depáramos, a uma cota elevada, com uma pia, talhada em granito, de dimensões con-



Aqueduto. S. Sebastião/Campo do Santo (Núcleo I).

<sup>16</sup> Cf. *ibidem*.

<sup>17</sup> Cf. BARROCA e MORAIS (1986), p. 37.

<sup>18</sup> Cf. ANTUNES e FARIA (1996), p. 271.

sideráveis. Esta pia despertou desde logo a nossa atenção e, ao observarmos de cima, pudemos comprovar que a parte superior do próprio muro constituía um aqueduto moderno, já que este tinha um canal talhado ao longo de toda a sua última fiada, culminando na pia de granito. Seria a partir desta última, através de um orifício patente na parte inferior, que a água era tirada do ribeiro com um cano, escorrendo assim, com o declive, para os campos de centeio do interior do muro, por forma a regá-los.

Um pouco mais à frente, saindo do caminho e virando à direita, junto de uma vinha e de um casebre, encontrámos mais um lagar cavado na rocha. A distância a que nos encontrávamos da capela era já considerável e optámos por designar os achados desta área como Núcleo II de S. Sebastião/Campo do Santo, seguindo porém a numeração contínua dos mesmos. Assim, o L4 apresentou-se-nos bastante bem conservado, tendo sido cavado num pequeno afloramento granítico isolado (fig. 6). A sua tipologia remeteu-nos de imediato para os L2 e L3, pois as semelhanças eram muitas. A disposição do *calculatorium* rectangular relativamente ao *lacus* é em tudo semelhante aos do L2 e L3, até mesmo na forma semi-circular do último, que possui igualmente no fundo uma cavidade arredondada para colocação de uma vasilha de recolha do bagaço. A diferença entre o L4 e os lagares geminados do Núcleo I reside apenas no facto do primeiro possuir uma *stipites* e duas cavidades a ladear o *calculatorium* para encaixe dos apoios do *prelum*. Pode então afirmar-se que estes três lagares são contemporâneos, e possivelmente talhados pela mesma mão.

A uns escassos metros do L4 houve neste mesmo local um segundo lagar, mas foi destruído com a construção de um forno de figos sobre ele, na mesma fraga, com a parede frontal em pedra e o restante corpo em telha e argamassa.

Continuámos sempre, até que seguimos pela direita, por um outro caminho descendente, mais largo e pavimentado com saibro. Concluímos que este é paralelo ao caminho que inicialmente tomámos a partir do cruzeiro do adro da Capela de S. Sebastião, e que de novo nos levaria lá. A certa altura, junto de um pequeno e discreto trilho à direita, escondido por entre os pinheiros bravos, encontravam-se mais duas sepulturas cavadas na rocha, a S7 e S8, também integradas no Núcleo II de S. Sebastião/Campo do Santo (fig. 11). A sua implantação parece relacionar-se não com uma polarização em torno de um espaço sagrado, como no caso provável das sepulturas do Núcleo I, mas sim com a proximidade do antigo caminho para Trancoso<sup>19</sup>.

A S7 chamou de imediato a nossa atenção, pois encontra-se cavada no topo de um batólito granítico isolado, cuja morfologia fazia mesmo lembrar a de um sarcófago, sem no entanto o ser. Orientada *grossa modo* segundo as normas

<sup>19</sup> Agradecemos a informação ao Prof. Doutor C. A. Brochado de Almeida.

canónicas e de contornos rectangulares, esta sepultura apresenta um antropomorfismo ao nível da cabeceira, através da marcação de arco peraltado e da definição dos ombros em linhas suaves. Apresentando um acentuado declive do leito a partir da cabeceira, a S7 não possui qualquer canal de escoamento, mas o rebordo em seu redor, que acompanha a forma do batólito, está bem vincado e talhado na quase totalidade da altura do mesmo. Tipológica e formalmente, a S7 não se encontra muito desfasada das sepulturas antropomórficas que tivemos já ocasião de descrever, inserindo-se no âmbito cronológico das mesmas, ou seja entre os sécs. X e XI.

Ao lado da S7, tendo inicialmente passado despercebida, encontra-se a S8, talhada num afloramento granítico à cota do piso, sem qualquer tipo de rebordo a contorná-la. Revelando uma certa assimetria de contornos e uma má definição das linhas talhadas no leito, os indícios de antropomorfismo da S8 são, porém, bem patentes no arco de volta perfeita que delimita a linha da cabeça e dos ombros, canonicamente orientados. A sua forma é ovalada, tendendo mesmo para o sub-trapezoidal, e a zona da cabeceira apresenta-se mais larga que a zona dos pés, o que lhe confere um aspecto mais arcaico que a S7, sendo-lhe certamente anterior.

De volta à Capela de S. Sebastião, demos por terminada a nossa prospecção pela freguesia de Rabaçal, tendo no entanto consciência de que muito mais haverá por recensear, mas certos porém que uma próxima oportunidade nos permitirá trazer à luz do conhecimento toda uma série de novos achados.

Em anexo apresentamos, juntamente com os desenhos<sup>20</sup>, os quadros correspondentes à caracterização pormenorizada de cada um dos lagares aqui retratados, bem como uma tabela de proposta para estabelecimento de uma matriz tipológica para caracterização das sepulturas<sup>21</sup> (Tabela I).

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de – *Portugal Romano*. Lisboa: Editorial Verbo, 1987.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de; PINTO, Paulo Costa; ALMEIDA, Pedro Miguel Brochado de – *Os lagares cavados na rocha do castelo de Castorigo-Pegarinhos (Alijó)*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. N.º 4 (1997).
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de; SILVA, Jorge Guedes – *Os vestígios alto-medievais de Muimentos (Fonte Longa-Meda)*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. N.º 5 (1998).

<sup>20</sup> Agradecemos a elaboração dos desenhos aqui apresentados ao Dr. Pedro Baère.

<sup>21</sup> Cf. BARROCA (1989), p. 180 a 183; VALERA (1990), p. 3 a 5.

- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de; ANTUNES, João Viana e FARIA, Pedro Baère de – *Rastrear das antigas ocupações humanas no território meridional da vila da Meda*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. N.º7 (1999).
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de; ANTUNES, João Viana e FARIA, Pedro Baère de – *Lagares cavados na rocha: uma reminiscência do passado na tradição da técnica vinícola no vale do Douro*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». Lisboa. Vol. 2, n.º 2 (1999).
- ANTUNES, João Viana; FARIA, Pedro Baère de – *Sepulturas cavadas na rocha: conjunto da quinta da Relva de Baixo (Longroiva/Meda)*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. N.º1 (1996).
- ANTUNES, João Viana e FARIA, Pedro Baère de – *Aspectos diacrónicos de um espaço entre Goujoim e S. Martinho das Chãs (Armamar)*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. N.º 4 (1997).
- ANTUNES, João Viana; ALMEIDA, Pedro Miguel Brochado de – *Ranhados (Meda): a diversidade das permanências humanas evidenciada pela prospecção arqueológica*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. N.º 5 (1998).
- ANTUNES, João Viana; FARIA, Pedro Baère de; ALMEIDA, Pedro Miguel Brochado de – *Aspectos da história antiga de Longroiva*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. N.º 6 (1998).
- BARROCA, Mário Jorge; MORAIS, A. – *Sepulturas medievais na Terra de Aguiar da Pena, Vila Pouca de Aguiar*. «Arqueologia». Porto. N.º 8 (1983).
- BARROCA, Mário Jorge; MORAIS, A. – *A Terra e o Castelo. Uma experiência arqueológica em Aguiar da Pena*. «Portugália». Porto. N.º 6-7 (1985/86).
- BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e sepulturas medievais*. Porto: FLUP, 1987 (policopiado).
- BARROCA, Mário Jorge – *Sepulturas escavadas na rocha*. «Revista de Arqueologia». Porto: G.E.A.P. N.º 19 (1989) (extra-texto).
- BÓLOS, J.; PAGÉS, M. – *Les sepultures excavades a la roca*. In «Necrópolis I Sepultures Medievales de Catalunya, Actas/Medievalies». Barcelona, 1982, ANNEX I.
- CIPOLINI, Pedro Carlos – *S. Sebastião – um cristão para hoje*. S. Paulo: Edições Paulistas, 1985.
- COSTA, Avelino Jesus – *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular*. Porto: Livraria Civilização, 1948.
- FARIA, Pedro Baère de; ANTUNES, João Viana – *Povoamento e morte na paisagem de Areola (Meda): subsídios para uma diacronia da ocupação*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. N.º 5 (1998).
- FARIA, Pedro Baère de; BROCHADO, Cláudio Laranjeira – *Casteirão, núcleo sepulcral de Mosteiros*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. N.º 5 (1998).
- LEAL, A. Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Livraria Editora Mattos Moreira e Cia., 1875.
- RODRIGUES, Adriano Vasco – *Terras da Meda, Natureza e Cultura*. Meda: C. M. da Meda, 1983.
- RODRIGUES, Nuno Simões – *O vinho e a economia agrícola romana (séculos III a.C. – I d.C.)*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. N.º 5 (1998).

- SANTOS, Maria José Ferreira dos; RODRIGUES, Sandra Raquel – *Subsídios histórico-arqueológicos para um inventário da freguesia de Pai Penela (Meda)*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. N.º 5 (1998).
- SIÃO, José – *Vila da Meda e seu concelho*. Meda: Tipografia Marques e Pereira Lda., 1996.
- SOUSA, Fernando; PEREIRA, Gaspar Martins – *Alto Douro, Douro Superior*. In «Novos Guias de Portugal». Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- TAVARES, Jorge Campos – *Dicionário dos Santos*. Porto: Lello e Irmão Editores, 1990.
- VALERA, António Carlos – *Sepulturas escavadas na rocha do concelho de Fornos de Algodres*. [S.l.] : G.A.F.A.L., 1990.

## L1

Localização: Quinta de Perais (Rabaçal)

Coordenadas: 40°52'41" N – 007°14'53" W

**Calcatorium:** Comp.- 1 m Larg.- 1,2 m Prof.- 0,04 m Capacidade 0,48 m<sup>3</sup> **Lacus:** N/T

Capacidade **Stipites:** N/T

## L2

Localização: Quinta de Perais (Rabaçal)

Coordenadas: 40°52'41" N – 007°14'53" W

**Calcatorium:** Comp.- 2 m Larg.- 1,8 m Prof.- 0,6 m Capacidade 2,16 m<sup>3</sup> **Lacus:** N/T

**Stipites:** ( 2 ) Comp.- 0,52 m-0,50 m Larg.-0,26 m-0,22 m Prof.- 0,2 m – 0,22 m .

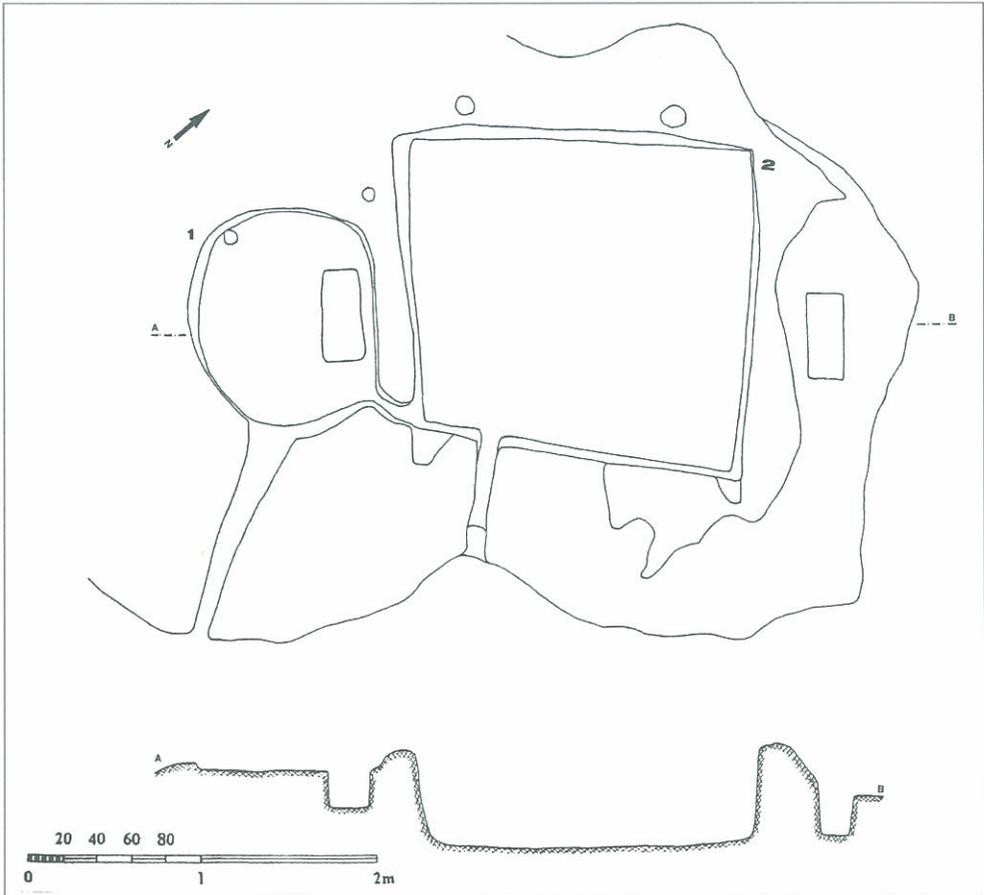


Figura 1

L3

Localização: Quinta de Perais (Rabaçal)

Coordenadas: 40°52'39" N – 007°14'52" W

**Calcatorium: Indef.**Capacidade **Lacus: Comp.- 1,4 m Larg.- 1,75 m Prof.-0,8 m**

Capacidade 2100 l

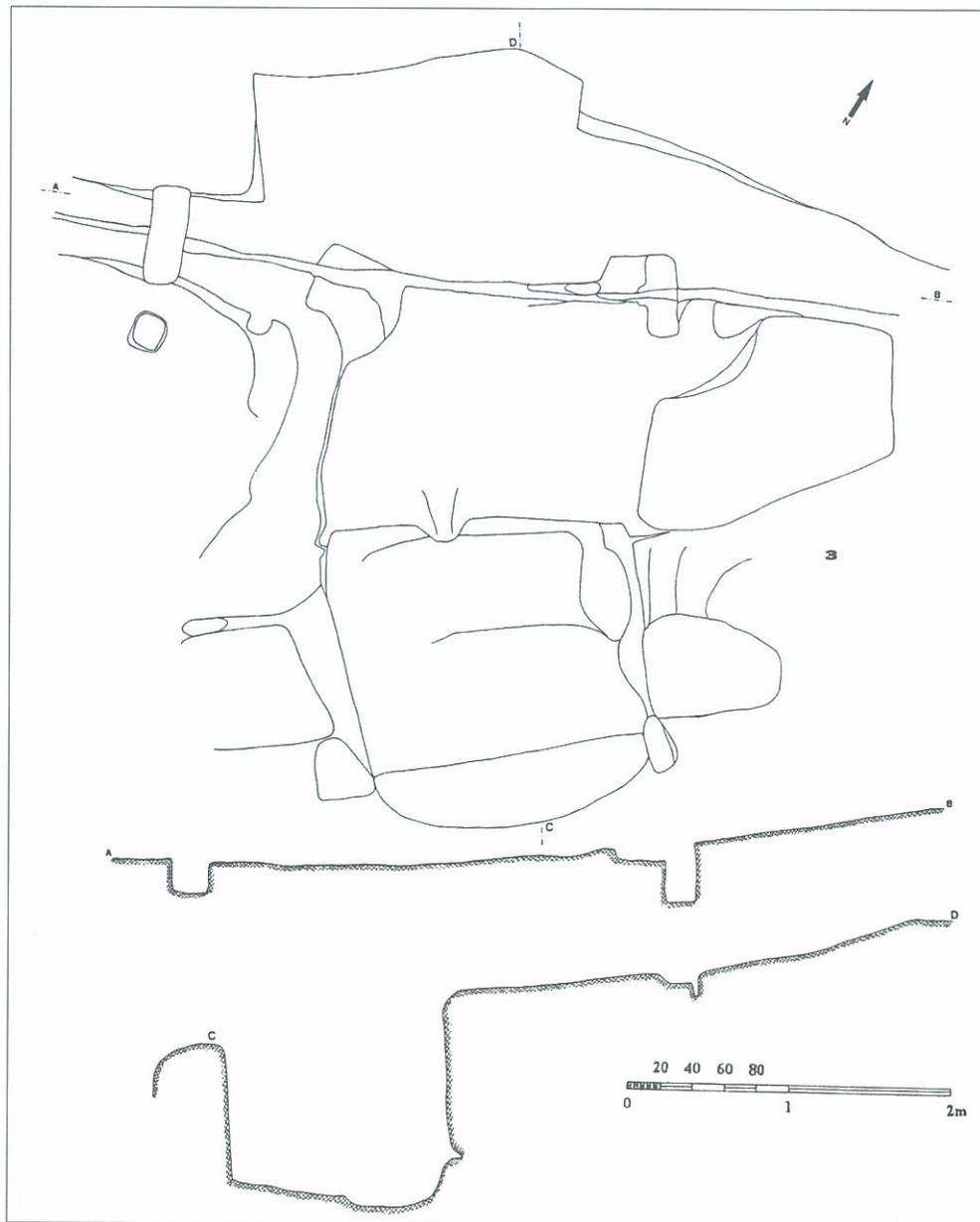
**Stipites: (2) Comp.- 0,6 m- 0,5 m Larg.- 0,2 m- 0,18 m Prof.- 0,19 m – 0,25 m**

Figura 2

L4

Localização: Quinta de Perais (Rabaçal)

Coordenadas: 40° 52'45" N – 007°14'46" W

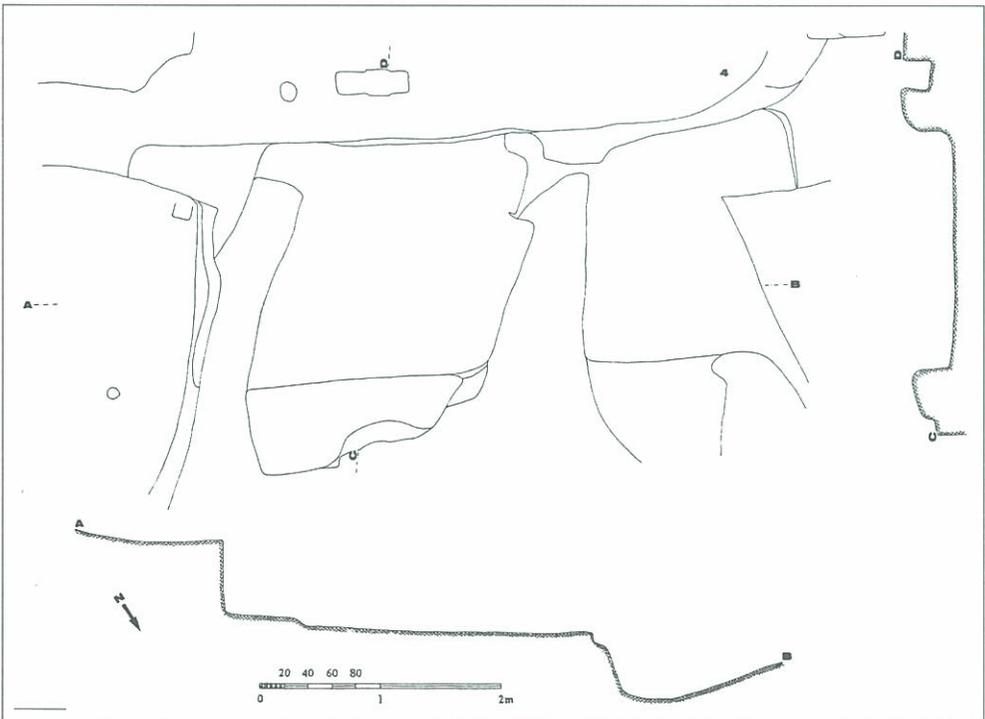
**Calcatorium:** Comp.- 2,06 m Larg.- 2 m Prof.- 0,3 mCapacidade 1,236 m<sup>3</sup> **Lacus:** Comp.-1,48 m Larg.-1,9 m Prof.- 0,48 m Capacidade1900 | **Stipites: (1)** Comp.- 0,6 m Larg.- 0,32 m Prof.- 0,22 m

Figura 3

L1

Localização: S. Sebastião – Núcleo I (Rabaçal)

Coordenadas: 40°51'46" N – 007°16'16" W

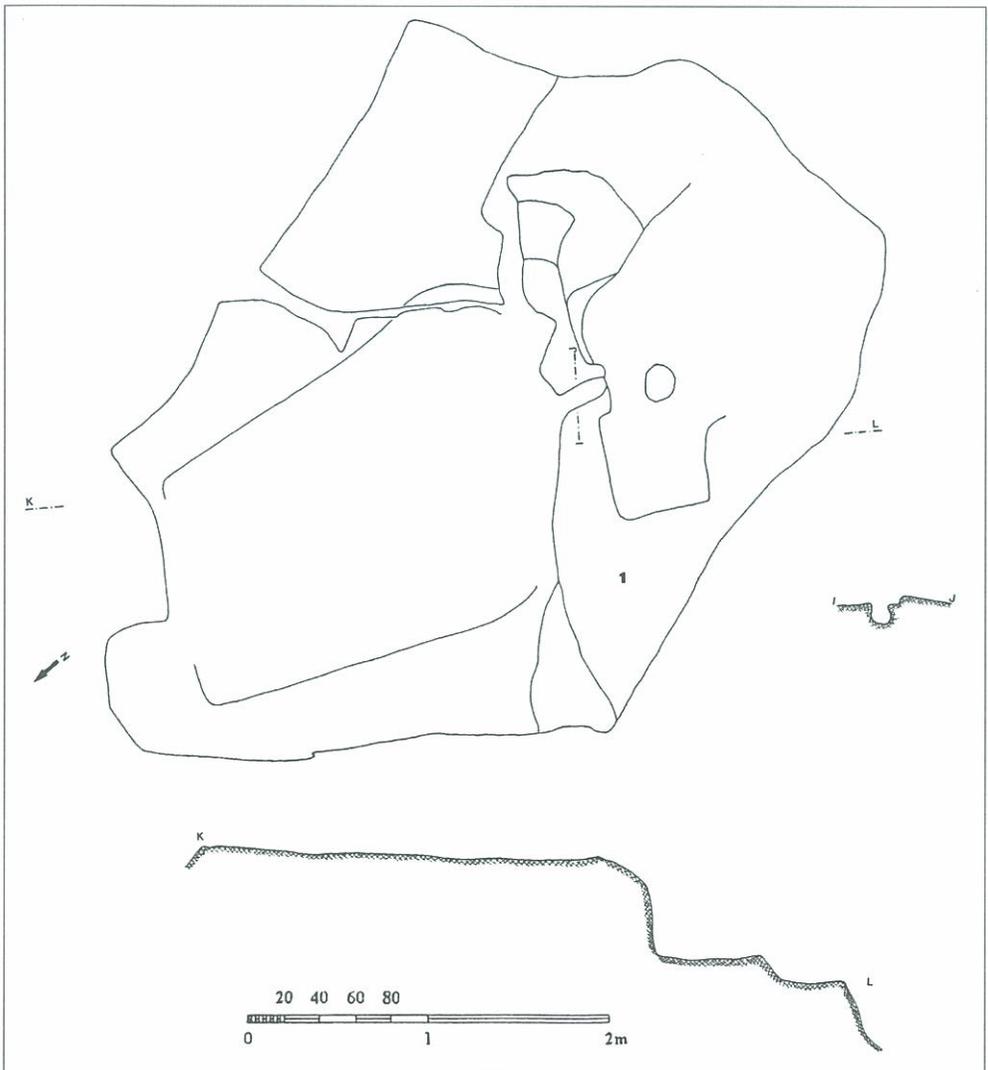
**Calcatorium: Comp.- 2,2 m Larg.- 1,8 m Prof.- 0,02 m**Capacidade 0,079 m<sup>3</sup> **Lacus: Comp.- 0,6 m Larg.- 1,2 m Prof.- 0,46 m** Capacidade 180| **Stipites: N/T**

Figura 4

L2

Localização: S. Sebastião – Núcleo I (Rabaçal)

Coordenadas: 40°51'48" N – 007°16'20" W

**Calcatorium:** Comp.- 2,1 m Larg.- 1 m Prof.- 0,22 mCapacidade 0,462 m<sup>3</sup> **Lacus:** Comp.- 0,61 m Larg.- 1,3 m Prof.- 0,38 m Capacidade 300 | **Stipites:** N/T

L3

Localização: S. Sebastião – Núcleo I (Rabaçal)

Coordenadas: 40°51'48" N – 007°16'20" W

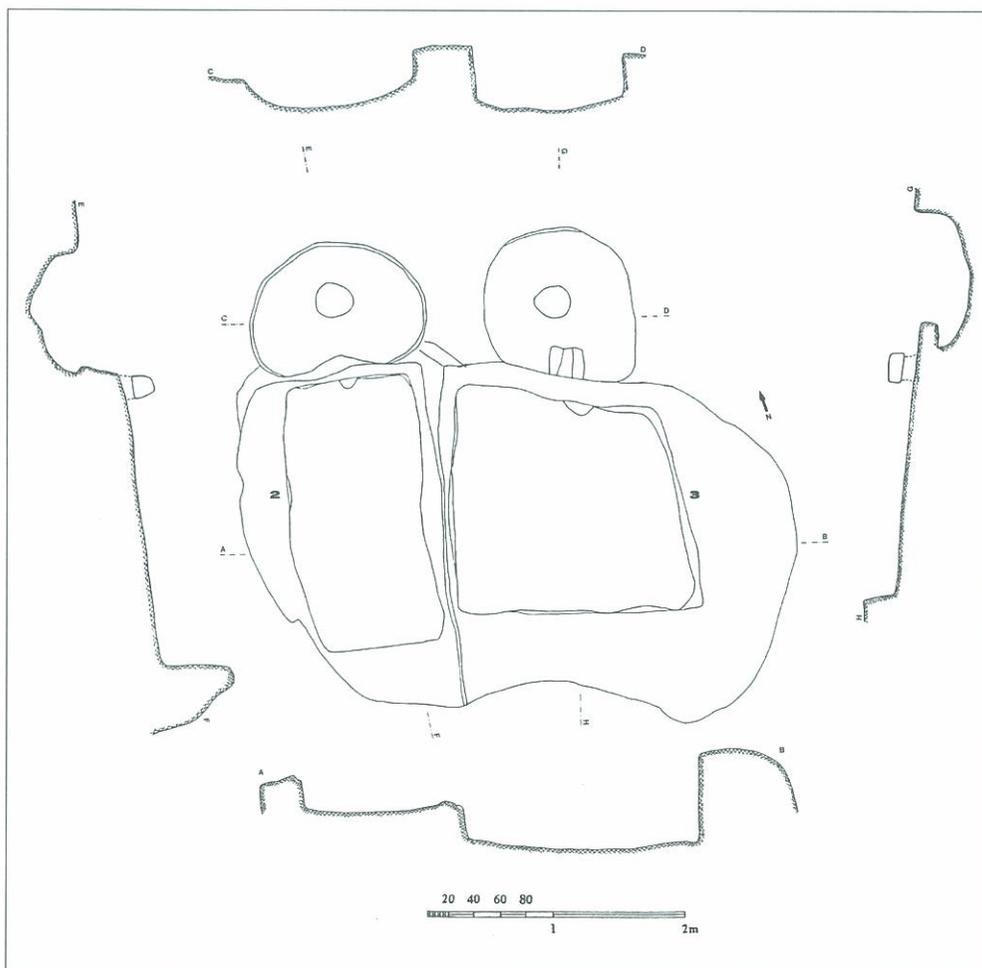
**Calcatorium:** Comp.- 1,62 m Larg.- 1,7 m Prof.- 0,3 mCapacidade 0,826 m<sup>3</sup> **Lacus:** Comp.- 1,12 m Larg.- 1,12 m Prof.- 0,34 m Capacidade 270 | **Stipites:** N/T

Figura 5

L4

Localização: S. Sebastião/ Campo do Santo – Núcleo II (Rabaçal)

Coordenadas: 40°51'35" N – 007°16'28" W

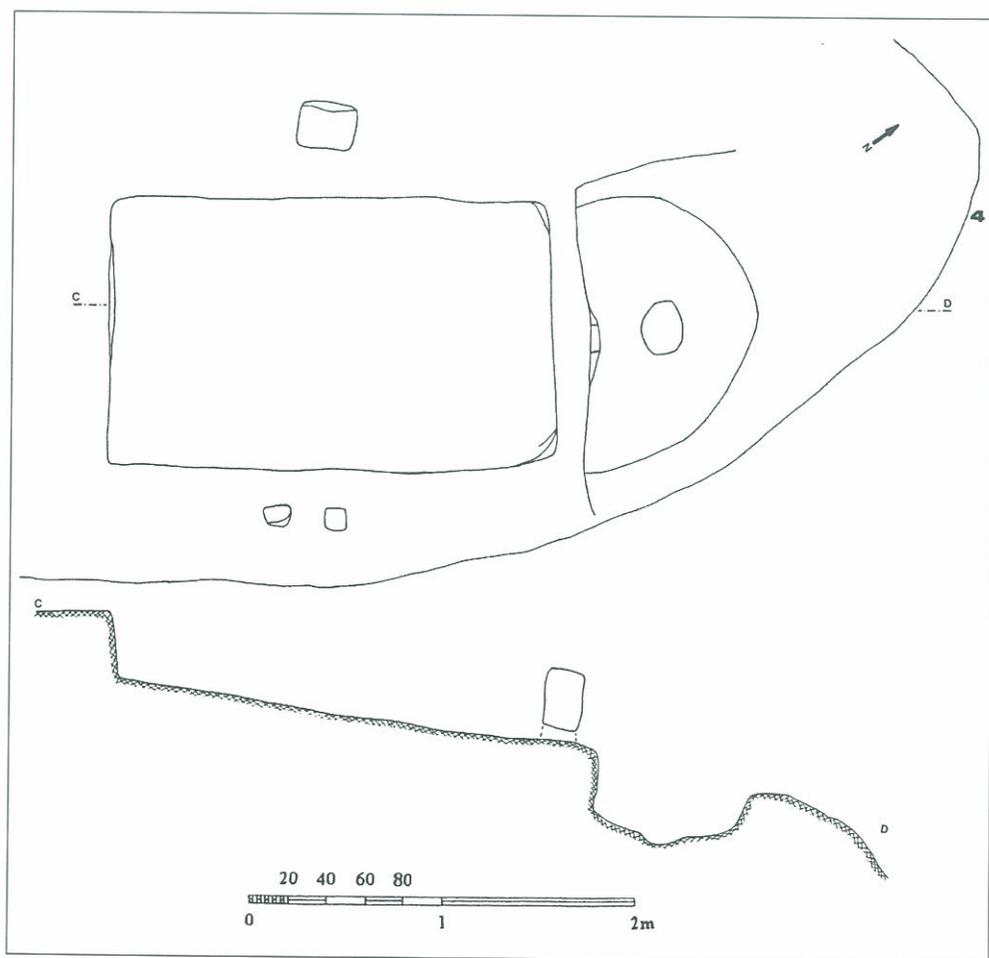
**Calcatorium:** Comp.- 2,3 m Larg.- 1,4 m Prof.- 0,34 mCapacidade 1,094 m<sup>3</sup> **Lacus:** Comp.- 0,86 m Larg.- 1,4 m Prof.- 0,24 m Capacidade 420 l (?) **Stipites:** Comp.- 0,3 m Larg.- 0,2 m Prof.- 0,15 m

Figura 6

## TABELA I – MATRIZ TIPOLOGICA DE SEPULTURAS

## A. Situação :

1. Isolada
2. Grupos 2 ou 3
3. Necrópole

## B. Orientação:

1. Canónica
2. Não Canónica

## C. Tipologia A:

1. Não Antropomórfica
2. Antropomórfica
3. Com vestígios de antropomorfismo

## D. Forma:

1. Ovalada
2. Rectangular
3. Sub- rectangular
4. Trapezoidal
5. Sub-trapezoidal
6. Assimétrica

## E. Cabeceira:

- |    |                     |                 |
|----|---------------------|-----------------|
| 1. | Rectangular         | 1. Com Almofada |
| 2. | Trapezoidal         | 2. Sem Almofada |
| 3. | Ovalada             |                 |
| 4. | Assimétrica         |                 |
| 5. | Arco Ultrapassado   |                 |
| 6. | Arco Volta Perfeita |                 |
| 7. | Arco Peralçado      |                 |

## F. Pés:

1. Com marcação de pés
2. Sem marcação de pés

## G. Rebordo:

1. Total
2. Parcial
3. Sem Rebordo

## H. Canal de escoamento:

1. Com canal de escoamento
2. Sem canal de escoamento

## I. Corte Longitudinal:

1. Rectangular
2. Sub-rectangular
3. Sub-rectangular com cabeceira alteada
4. Trapezoidal
5. Plano inclinado

## J. Área:

1. Afloramento
2. Aproveitamento de diáclase
3. Penedo isolado

**S1**

**Localização:** S. Sebastião – Núcleo I (Rabaçal)

**Coordenadas:** 40°51'48" N – 007°16'17" W

**Medidas:**

**Gerais: Comp.- 2m Larg. Máx.- 0,63m Larg. Mín.-0,44m Prof.- 0,26m**

**Cabeceira:**

**1ª Comp. Máx.- 0,26 m Larg. Máx.- 0,37 m Prof.- 0,22 m**

**2ª Comp. Máx.- 0,2 m Larg. Máx.- 0,32 m Prof.- 0,1 m**

**Descrição de acordo com Tabela I:**

**1ª ocupação-** A1-B2-C2-D3-E3.6.2.-F2-G2-H1-I1.5-J3

**2ª ocupação-** A1-B1-C2-D3-E1.2.-F2-G2-H1-I1.5-J3

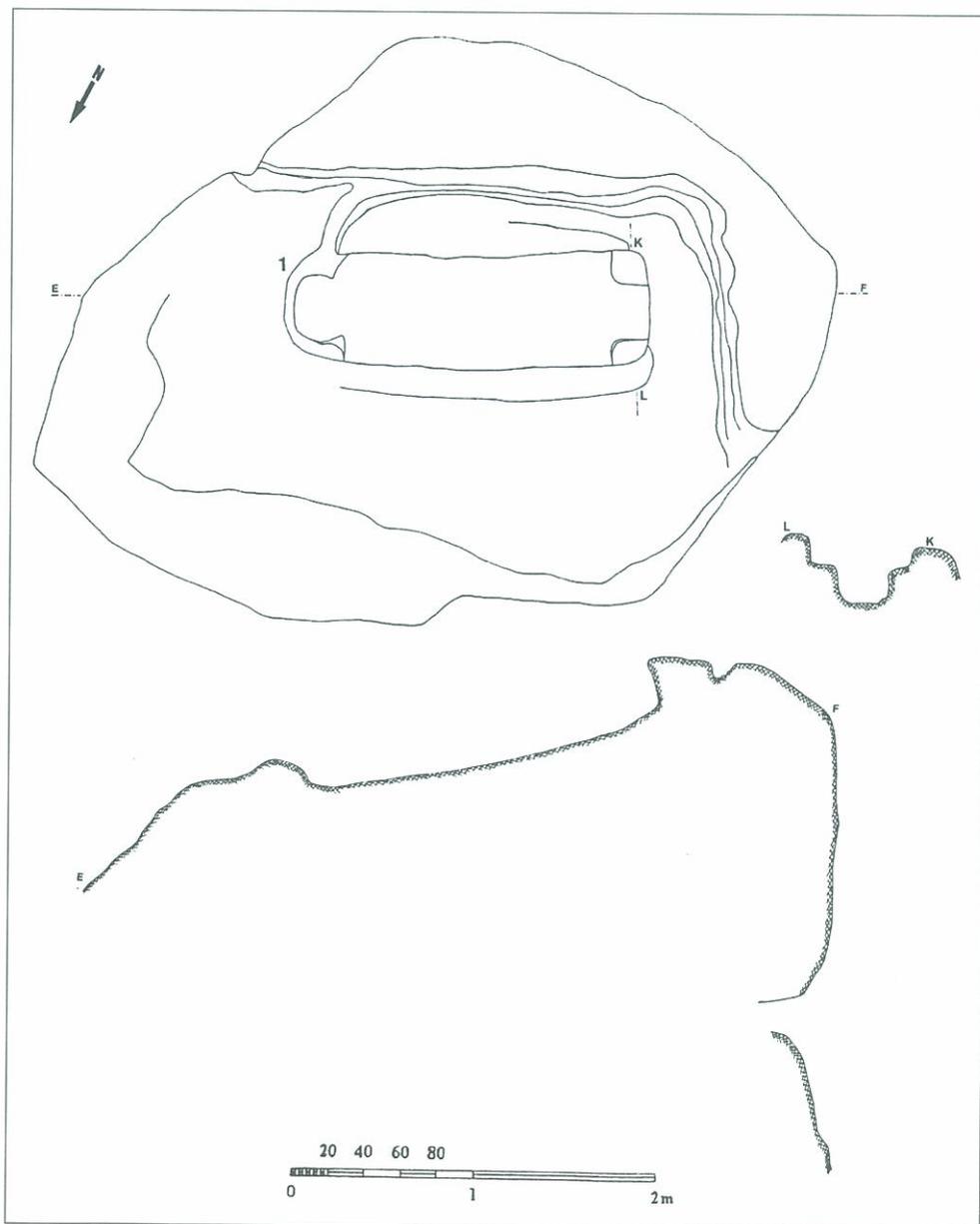


Figura 7

**S6****Localização:** S. Sebastião – Núcleo I (Rabaçal)**Coordenadas:** 40°51'45" N – 007°16'20" W**Medidas:****Generais:** Comp.- 1,98 m **Larg. Máx.-** 0,6 m **Larg. Mín.-** 0,5 m **Prof.-** 0,25 m**Cabeceira:** Comp. Máx.- 0,25 m **Larg. Máx.-** 0,28 m **Prof.-** 0,24 m**Descrição de acordo com Tabela I:**

A1-B1-C2-D5.6.-E2.4.7.2-F2-G2-H1-I1.4-J1

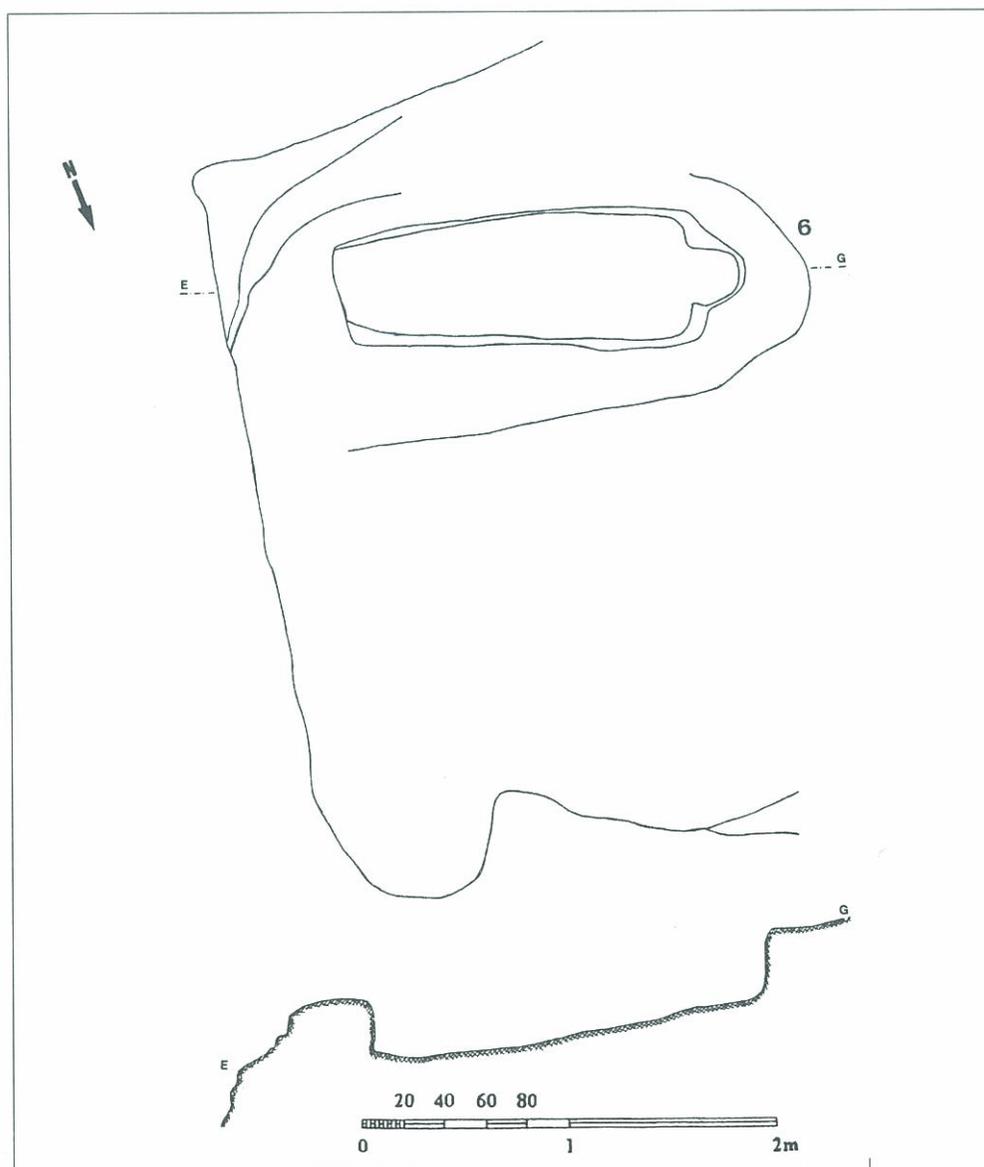


Figura 10

- S7 Localização:** S. Sebastião/Campo do Santo – Núcleo II (Rabaçal)  
**Cordenadas:** 40°51'36" N – 007°16'16" W  
**Medidas:**  
**Gerais:** Comp.- 1,2 m **Larg. Máx.-** 0,68 m **Larg. Mín.-** 0,38 m **Prof.-** 0,2 m  
**Cabeceira:** Comp. Máx.- 0,18 m **Larg. Máx.-** 0,48 m **Prof.-** 0,27 m  
**Descrição de acordo com Tabela I:**  
 A2-B1-C2-D2-E1.7.2-F2-G1-H2-I4.5-J3
- S8 Localização:** S. Sebastião/Campo do Santo – Núcleo II (Rabaçal)  
**Cordenadas:** 40°51'36" N – 007°16'16" W  
**Medidas:**  
**Gerais:** Comp.- 1,87 m **Larg. Máx.-** 0,6 m **Larg. Mín.-** 0,3 m **Prof.-** 0,2 m  
**Cabeceira:** Comp. Máx.- 0,22 m **Larg. Máx.-** 0,5 m **Prof.-** 0,18 m  
**Descrição de acordo com Tabela I:**  
 A2-B1-C3-D1.5-E3.6.2-F2-G3-H2-I1-J1

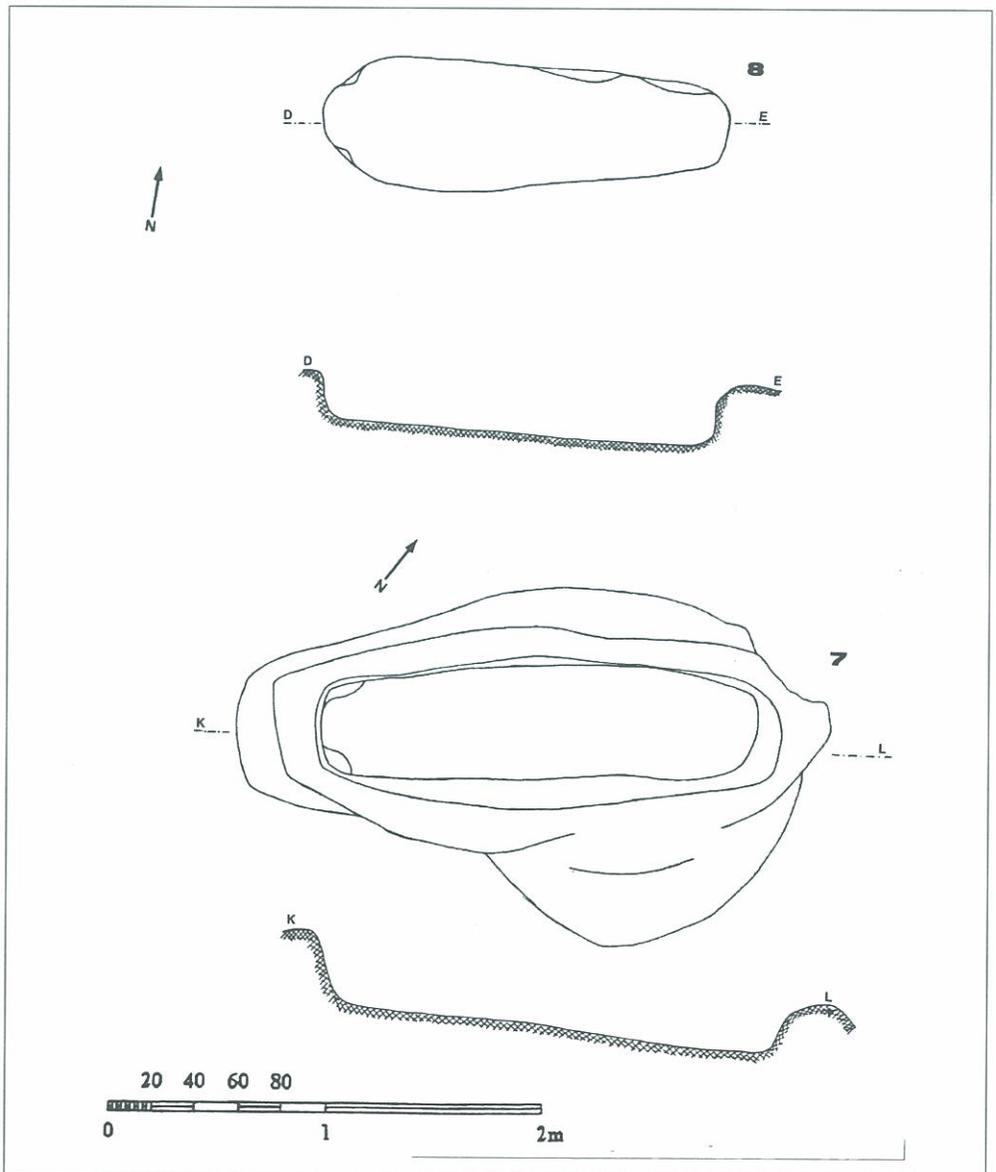


Figura 11

